

PLANTAS RITUAIS DE RELIGIÕES DE INFLUÊNCIA AFRICANA NO BRASIL E SUA AÇÃO FARMACOLÓGICA

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Centro de Estudos da Religião "Duglas Teixeira Monteiro", sediado no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, USP, Cidade Universitária. CX Postal 8105 – 970 São Paulo, Brasil.

Resumo

O estudo das plantas rituais de religiões de influência africana, visto sob a ótica da Etnofarmacobotânica, permite que se compreenda os papéis sacral e terapêutico que desempenham nas mais diferentes situações ritualísticas, tanto para os rituais de cura como para as cerimônias religiosas propriamente ditas. Tem-se em vista, ainda, a ação farmacológica das espécies vegetais empregadas, cujos efeitos são exatamente os requeridos pelos rituais.

RITUAL PLANTS OF AFRICAN ORIGIN RELIGIONS IN BRAZIL AND THEIR PHARMACOLOGICAL INFLUENCE

Summary

The study of ritual plants from African influence, from the pharmacobotanic point of view, allows the comprehension of the sacred and therapeutical roles that they play on rituals for healing or for religious ceremonies. The pharmacological effects of the employed plant species, which are exactly of those required for the rituals, are considered.

Pesquisas de medicina popular em todos os segmentos da sociedade brasileira denotam uma constante vinculação com credos religiosos. Porém, é junto às religiões de influência africana, conhecidas por afro-brasileiras a maior incidência do uso de plantas com propriedades medicinais, tanto nas cerimônias religiosas propriamente ditas, como nos rituais de cura.

É tal a importância das plantas nesses sistemas de crenças, que sem elas, certamente essas religiões não existiriam. Elas estão presentes nas preparações de banhos de purificação, nas bebidas e comidas rituais, nos

remédios, nas cremações em incensórios, cachimbos, charutos e cigarros, fazendo, ainda parte do universo sagrado dos orixás, divindades que também dominam os vegetais, determinando a cada um deles os poderes mágicos e curativos que lhes cabem. Desta forma, segundo os preceitos religiosos, os poderes das plantas não se devem aos componentes químicos que encerram, mas aos poderes que as divindades lhes atribuem.

Nesses espaços religiosos as plantas desempenham basicamente, duplo papel: sacral e terapêutico. O valor sacral varia segundo as diferentes situações ritualísticas de caráter cerimonial, nos quais a planta é investida de valor simbólico. O valor terapêutico condiz com as propriedades curativas, sendo, pois do conhecimento daqueles que orientam as curas. Porém, destaca-se que, embora elas estejam desempenhando papéis aparentemente diferentes, sabe-se que dentro do valor terapêutico está embutido o valor sacral, assim o valor simbólico esconde as reais propriedades das plantas e as atividades biológicas responsáveis pelos princípios ativos que encerram, visto que ambos valores se inter-relacionam.

A Etnofarmacobotânica permite, através dos conceitos estabelecidos pelos grupos nos ambientes estudados, se compreender o papel das plantas e os significados que os mesmos grupos lhes atribuem. E, ainda, importante para o pesquisador é não desprezar informações que a princípio possam parecer impróprias ou sem lógica, visto que poderão estar aí subsídios de real valor para o estudioso.

A Taxonomia, fundamental no desenvolvimento de pesquisas de Etnofarmacobotânica, permitirá ao pesquisador maior clareza na compreensão das relações presentes nos sistemas de classificação elaborados pelos grupos em estudo e a organização simbólica das plantas dentro dos rituais.

Assim, podemos admitir que a Etnobotânica ligada à Etnofarmacobotânica dá sua contribuição com os primeiros passos na caminhada de investigação científica ligada às plantas medicinais.

A medicina não teria conhecido os curares, não fossem os índios que passaram seu conhecimento aos caboclos, e estes, à comunidade científica através de pesquisas de etnobotânicos. Os curares procedem de Minispermaceae dos gêneros *Chondodendron*, *Abutua* e *Telotoxicum* e de Loganiaceae do gênero *Strychnos*. Citam-se, ainda alcalóides como a emetina e pilocarpina, entre outros, que se incorporaram à lista de fármacos que têm sua origem em plantas, tais como: *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) Rich. —(sin.) *Uragoga ipecacuanha* (Rich.) Baill.—, Rubiaceae, e *Pilocarpus jaborandi* Holmes e *P. microphyllus* Stapf., Rutaceae, respectivamente ⁽¹⁾.

Quanto aos papéis sacral e terapêutico, há a freqüência do uso de plantas cujos princípios ativos recaem em alcalóides de ação no sistema nervoso central, usadas geralmente em situações ritualísticas que levam ao transe,

enquanto aquelas de papel simplesmente terapêutico, sua ação recai, basicamente em princípios ativos como: mucilagem, tanino e óleo essencial, e raras vezes, glicosídeos e alcalóides. Porém, deve-se ter em conta que ambos papéis se inter-relacionam nos rituais, visto que são as divindades que comandam tudo, segundo o pensamento religioso dos adeptos.

A ação psicoativa de determinadas plantas é de valor significativo, visto ter muito a ver com alterações comportamentais dos participanates sob efeito das drogas que são preparadas segundo sua finalidade no culto, podendo ser cremadas, usadas na forma de rapés ou na preparação de banhos e bebidas. Deve-se levar em conta ainda, que tais preparados se juntam a estímulos auditivos provenientes de cantos, toques de atabaques e palmas, além da dança e gesticulação, estímulos que também propiciam condições de transe. Plantas com propriedades estimulantes já foram objeto de estudos, a exemplo da *Cola acuminata* R.Br., Sterculiaceae, originária da África, conhecida por nóz-de-cola ou obi, nas religiões afro-brasileiras. Seus princípios ativos principais são os alcalóides cafeína e teobromina de ação no sistema nervoso central. É usada na África como matigatório de efeito estimulante e tônico. São usados os cotilédones. Para conservá-los usa-se secar as nozes, embora saibam que a tradição africana determina seu uso enquanto frescos os cotilédones, os quais são conservados em óleo de karité *Butyrospermum parkii* (G.Don) Kotschy, Sapotaceae, na África ⁽²⁾ e no Brasil, em óleo de babaçu *Orbignia oleifera* Burret, Palmae.

Segundo Coimbra & Diniz ⁽³⁾, "a colatina-cafeína é um composto cristalizado que só se encontra na nóz fresca", contendo um oxidante que durante o processo de secagem age sobre a colatina, transformando-a em uma substância vermelha amorfa, insolúvel e inativa. Por tal motivo, é necessário usar a semente fresca ou conservada, para o qual existem vários processos. A cafeína, a teofilina e a teobromina são alcalóides xantínicos encontrados em espécies vegetais e a ação das xantinas no sistema nervoso central dá-se primeiramente sobre o córtex cerebral, a seguir sobre o bulbo e finalmente sobre a medula espinhal. No córtex a ação se verifica sobre as funções psíquicas, aclarando as idéias, melhorando a fadiga mental e o estado de vigília ⁽⁴⁾.

Segundo os usuários, o obi faz aclarar as idéias, tirar o sono e diminuir o cansaço e sensação de fome, ações essas que correspondem à interpretação científica acima mencionada e que atendem aos requisitos exigidos pelo ritual. São usados como mastigatório durante o jogo de adivinhação, a fim de dar força às palavras, segundo os informantes ⁽⁵⁾.

Cita-se, ainda, outra planta conhecida por jurema *Mimosa hostilis* Benth., Leguminosae – Mimosoidae, originária da Região Nordeste do Brasil, cujo alcalóide nigerina, isolado das raízes foi identificado como N, N- dimetiltriptamina ⁽⁶⁾.

Drogas que contém N, N- dimetiltriptamina provocam alterações do hu-

mor, euforia, depressão, ansiedade, distorção da percepção de tempo e espaço, além de despersonalização. Quando administrada produzem efeitos semelhantes ao LSD ⁽⁴⁾.

Com as raízes e folhas dessa planta prepara-se o “vinho da jurema”, bebida ritual consumida por participantes de cerimônias religiosas de influência africana, embora essa planta tenha sido conhecida através dos indígenas que já a utilizavam em seus rituais religiosos, antes da chegada ao Brasil dos primeiros colonizadores e dos próprios africanos.

O uso da bebida preparada com esta espécie botânica visa chamar as entidades que incorporarão nos médiuns, tal como é requerido pelo ritual, cuja despersonalização se caracteriza com a nova identidade assumida pelo medium durante o transe.

Nas religiões afro-brasileiras, segundo seus adeptos, de um modo geral, as doenças decorrem de um desequilíbrio das funções vitais, manifestada organicamente através dos mais variados sintomas, cujas causas devem ser detectadas a fim de se determinar a forma de corrigir o desequilíbrio e tratar a doença, quando já manifestada.

Para o ritual de cura é utilizado banho de ervas como parte do processo de encantação, ao lado de cantos que fazem liberar o espírito de cura. Nem sempre para tais rituais há necessidade da inteseção de divindades que incorporam no pai de santo, pois ele, conhecedor de tais práticas, é capaz de fazê-lo por si só.

As plantas utilizadas, tanto para a preparação dos remédios como para a “limpeza de corpo” passam por processos rituais que vão desde a coleta da planta até sua preparação e consumo.

Cada orixá ou divindade, é dono de determinadas espécies. Exemplo da *Datura suaveolens* Humboldt & Bonpland ex Willdenow, Solanaceae, originária da América do Sul, conhecida por saia-branca, zabumba, ou trombeteira, que pertence ao orixá Iansã. O produto obtido das folhas raladas e fervidas é parte ingerido e parte usado em banho de limpeza, cujo efeito, segundo usuários “leva as pessoas às alturas dos ventos”. Em decorrência dos alcalóides tropânicos (hiosciamina, hioscina ou escopolamina e atropina), presentes nesta espécie de Solanaceae ⁽⁷⁾, ocorrem efeitos, cujos resultados são aqueles desejados pelos usuários, que admitem também, a ocorrência de sonhos e visões.

As espécies do gênero *Datura* têm sido motivo de estudos, principalmente quanto à sua absorção pela pele. Vieira ⁽⁸⁾ relata em trabalho científico, um caso de intoxicação em um paciente que colocara uma folha de *Datura* sobre um ferimento e a intoxicação ocorreu após três horas de aplicação. Dessa forma, podemos admitir a ocorrência de efeitos semelhantes àqueles obtidos nas bruxarias européias, quando passavam no corpo ungüentos a base de

Datura e experimentavam "viagens", cavalgando em vassouras.

Mais recentemente, foi introduzido em um candomblé em São Paulo um costume novo, o qual envolve o consumo de uma bebida à base de *Psychotria viridis* Ruiz & Pavon, Rubiaceae, conhecida por folha-da-rainha. Segundo o informante, as pessoas recolhidas para o ritual de iniciação precisam estar tranqüilas, a fim de controlarem as emoções, para suportarem a reclusão, requisito necessário para que os resultados alcançados preencham seus objetivos. O princípio ativo dessa espécie botânica são os derivados triptamínicos.

É oferecido ao iniciante um chá preparado com as folhas desta planta, com a advertência de que tal uso não significa que a casa de culto tenha aderido às doutrinas do Santo Daime, religião de influência indígena surgida no Estado do Acre e que se propagou pelo País, onde essa planta constitui um dos aditivos da bebida *ayauasca*, à base de *Banisteriopsis caapi* Spruce ex Griseback, Malpighiaceae, cujos princípios ativos harmina, harmalina e tetrahydroharmina são responsáveis pela intoxicação ⁽⁹⁾.

O xamãs que consomem bebidas à base dessa planta o fazem para entrarem em comunicação com os espíritos a fim de descobrir as causas das doenças e curá-las ⁽¹⁰⁾. A adição da *Psychotria viridis*, à bebida *ayauasca* já foi motivo de estudo, visto que a introdução de plantas com derivados triptamínicos, a princípio admitia-se serem compostos inativos por via oral e que a ação alucinógena era devida aos alcalóides da *Banisteriopsis caapi*, acima especificados. Porém, sabe-se hoje que tais alcalóides são inibidores de enzimas, tornando os derivados triptamínicos ativos por via oral. Assim, entende-se a razão dos usuários dizerem que a mistura faz a bebida ficar mais forte ⁽¹¹⁾. O pai-de-santo da casa de culto pesquisada informa também, que na falta dessa planta emprega-se a raiz da ipeca *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) Richard, também da família Rubiaceae. Tal planta contém o alcalóide emetina, de ação emética, semelhante à ação da *Psychotria emetica* ⁽¹²⁾, usada como sucedâneo da ipeca, nas regiões onde ela não existe. Dai se deduz que a ação emética dessas Rubiaceae se assemelham a um dos efeitos da bebida *ayauasca*, que são as náuseas das quais decorrem os vômitos de valor significativo dentro de certos rituais.

Muitas outras plantas, alucinógenas ou não, são empregadas nas mais diferentes situações ritualísticas dos sistemas de crenças de influência africana no Brasil, a fim de atenderem os objetivos requeridos pelos rituais, tanto de cura como das cerimônias religiosas propriamente ditas.

Referências bibliográficas

1. Rizzini, C.T. e Mors, W.B. (1976). *Botânica Econômica brasileira*. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo.

2. Bezpaly, I. (1984). *Les plantes cultivées en Afrique occidentale*. Moscou, Éditions MIR.
3. Coimbra, R. e Diniz, E. (1942). *Notas de fitoterapia*. Rio de Janeiro, Silva Araújo.
4. Zanini, A.C. e Oga, S. (1985). *Farmacologia aplicada*. São Paulo, Atheneu.
5. Verger, P.F. (1981). *Bori, primeira cerimônia de iniciação ao culto dos orixás*. Edinburgh, E.& S. Livingstone.
6. Lima, O.G. (1975). *Pulque, balche e pajanaru na etnobiologia das bebidas e dos alimentos fermentados*. Recife, IFP.
7. Scavone, O. e Panizza, S. (1981). *Plantas tóxicas*. São Paulo, CODAC / Universidade de São Paulo.
8. Vieira, R. J. (1976). "Intoxicação por folha de *Datura arborea* através da pele". *Associação Médica do Brasil*, vol.22 (3) – março.
9. Schultes, R.E. (1976). *Hallucinogenic plants*. Western Publishing, Wisconsin.
10. Cooper, J.M. (1987). "Estimulantes e narcóticos". *Suma etnológica brasileira – Etnobiologia*. Vozes/Finep, Petrópolis.
11. Elisabetsky, E. (1987). "Etnofarmacologia de algumas tribus brasileiras". *Suma etnológica - Etnobiologia*. Vozes/Finep, Petrópolis.
12. Lewis, W. H. e Elvin-Lewis. (1977). *Medical botany - Plants affecting man's health*. John Wiley.